



# MÉTODOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:

## estudos, reflexões e perspectivas

**Denise Pereira**  
**Karen Fernanda Bortoloti**  
(Organizadoras)

3

## **Direção Editorial**

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

## **Organizadoras**

Prof.ª Ma. Denise Pereira  
Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

## **Capa**

AYA Editora

## **Revisão**

Os Autores

## **Executiva de Negócios**

Ana Lucia Ribeiro Soares

## **Produção Editorial**

AYA Editora

## **Imagens de Capa**

br.freepik.com

## **Área do Conhecimento**

Ciências Humanas

# **Conselho Editorial**

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

*Centro Universitário Santa Amélia*

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa

*Universidade Estadual de Londrina*

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

*Instituto Federal do Amapá*

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

*Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP*

Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva

*Centro Universitário FACEX*

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chiroli

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

*Universidade Federal de Sergipe*

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

*Universidade do Estado de Minas Gerais*

Prof.ª Ma. Denise Pereira

*Faculdade Sudoeste – FASU*

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

*Universidade Federal do Paraná*

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

*Universidade Federal do Amapá*

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

*Universidade Estadual de Londrina*

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença*

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

*Universidade Federal de Sergipe*

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

*Universidade de Santa Cruz do Sul*

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.º Me. Jorge Soistak

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

*Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara*

Prof.º Me. José Henrique de Goes

*Centro Universitário Santa Amélia*

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

*Universidade Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

*Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais*

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

*Faculdade Santana*

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

*Universidade Federal Rural de Pernambuco*

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues

*Universidade Norte do Paraná*

Prof.º Me. Milson dos Santos Barbosa

*Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP*

Prof.º Me. Myller Augusto Santos Gomes

*Universidade Estadual do Centro-Oeste*

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda

*Centro Universitário Santa Amélia*

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes

*Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Parauapebas*

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira

*Instituto Federal do Acre*

Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail

*Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais*

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares

*Universidade Federal do Piauí*

Prof.ª Ma. Silvia Aparecida Medeiros

Rodrigues

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda

Santos

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues

*Instituto Federal de Santa Catarina*

Prof.º Dr. Valdoir Pedro Wathier

*Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional, FNDE*

© 2021 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas desta obra são integralmente de responsabilidade de seus autores.

---

M9399 Métodos e práticas pedagógicas: estudos, reflexões e perspectivas 3 [recurso eletrônico]. / Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti (organizadoras) -- Ponta Grossa: Aya, 2021. 334 p. – ISBN 978-65-88580-78-3

Inclui biografia  
Inclui índice  
Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.  
Modo de acesso: World Wide Web.  
DOI 10.47573/aya.88580.2.49

1. Educação. 2. Educação básica. 3. Ensino fundamental. 4. Cartografia - Estudo e ensino. 5. Educação – Efeito das inovações tecnológicas. 6. Educação infantil. 7. Tecnologia educacional. 8 Educação física (Segundo grau). 9. Educação sexual. 10. Alfabetização. 10. Cultura afro-brasileira. 11. Educação especial. 12. Inclusão escolar. I. Pereira, Denise. II. Bortoloti, Karen Fernanda. III. Título

CDD: 370.7

---

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

## **International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora EIRELI**

### **AYA Editora©**

CNPJ: 36.140.631/0001-53  
Fone: +55 42 3086-3131  
E-mail: contato@ayaeditora.com.br  
Site: <https://ayaeditora.com.br>  
Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557  
Ponta Grossa - Paraná - Brasil  
84.071-150

## **Estereótipos de gênero na educação física escolar**

### **Gender stereotypes in school physical education**

---

**Márcia Lúcia dos Santos**

*Universidade Federal da Bahia*

**Helenadja Santos Mota**

*Instituto Federal Baiano- Campus Valença*

**Climene Laura de Camargo**

*Universidade Federal da Bahia*

DOI: 10.47573/aya.88580.2.49.4

# Resumo

Este estudo de natureza descritiva qualitativa apresenta resultados de uma proposta pedagógica com base na epistemologia da prática da reflexão-na-ação, com o objetivo de refletir sobre o papel do professor de Educação Física Escolar (EF) na promoção de estratégias didáticas sensíveis às relações de gênero através de suas práticas de ensino, em aulas de EF em turmas do Ensino Médio de uma escola pública de Salvador- Bahia. Concluimos após as intervenções didáticas que a práxis pedagógica dos professores de EF tem um grande potencial para desconstruir estereótipos e desigualdades entre os gêneros no âmbito do universo esportivo no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** educação física escolar. gênero. formação de professores. esporte.

# Abstract

This qualitative descriptive study presents the results of a pedagogical proposal based on the epistemology of the practice of reflection-in-action, with the objective of reflecting on the role of the School Physical Education (PE) teacher in promoting strategies didactics sensitive to gender relations through their teaching practices, in PE classes in high school classes in a public school in Salvador-Bahia. We concluded after the didactic interventions that the pedagogical praxis of PE teachers has a great potential to deconstruct stereotypes and inequalities between genders within the scope of the sports universe in the school environment.

**Keywords:** school physical education. gender. teacher training. sport.

## INTRODUÇÃO

A discriminação baseada no gênero perpassa muitas salas de aula através do espelhamento de estereótipos de gênero expresso em atitudes de muitos professores de Educação Física que ainda percebem práticas corporais como a dança, uma atividade mais apropriada para mulheres e o futebol como uma atividade mais apropriada para o homem. Essas percepções têm tradicionalmente formado a base sobre a qual os programas de Educação física Escolar são construídos.

Os professores de Educação Física têm um papel basilar no desafio da desconstrução de estereótipos de gênero no âmbito do universo esportivo. Uma construção social que limita o desenvolvimento das destrezas físicas e habilidades motoras por intermédio das práticas da cultura corporal de movimento de crianças e adolescentes.

A cultura corporal é conceituada por (Soares, 1992) como.

Acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer de sua história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (SOARES, 1992; p.38.)

O trato da cultura corporal no âmbito da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é inserido de modo a ser tematizado e refletido sobre as suas diversas formas e como meios de produção de sentido para quem as vivenciam. Sua perspectiva é do movimento humano sempre inserido no âmbito da cultura e interpretado de acordo com o contexto social e histórico dos envolvidos. A Educação Física na BNCC orienta o desenvolvimento de habilidades e competências importantes para ampliar a consciência dos movimentos corporais, dos mecanismos para o cuidado de si e dos outros, autossuficiência e participação mais atuante na sociedade (MOVIMENTO PELA BASE, 2018).

A BNCC expressa que “o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo,” concepção que amplifica a compreensão sobre o movimento humano nas diferentes práticas corporais (BRASIL, 2018, p. 213).

De acordo com a UNESCO (2018) A Educação Física é um instrumento fundamental para o desenvolvimento humano.

Todo ser humano tem o direito fundamental de acesso à educação física, à atividade física e ao esporte, sem qualquer tipo de discriminação com base em etnia, gênero, orientação sexual, língua, religião, convicção política ou opinião, origem nacional ou social, situação econômica ou qualquer outra. (UNESCO, 2018, p. 02).

São concepções de EF que expressam a necessidade de uma prática pedagógica pautadas na aproximação dos conteúdos da cultura corporal que problematizam o gênero no campo da Educação Física Escolar.

As aulas da componente curricular Educação Física durante muito tempo sustentaram o estereótipo de o universo esportivo ser predominantemente masculino, perpetuando a prática de separar meninos e meninas nas atividades esportivas pedagógicas (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011; SANTOS; SOUZA, 2015; BIVE; PESSULA, 2018; GÓMEZ; CAMACHO; HERRERO,

2021).

Este apartheid que acentua a diferença de gênero fomenta conflitos surgidos durante as aulas do tipo: “coisa de menina, “coisa de menino”. Frequentemente os meninos são incentivados a participar da modalidade futebol, enquanto as meninas são incentivadas a declinar desta modalidade e muitas vezes incentivadas às práticas como a da Ginástica rítmica usualmente considerada como típica do mundo feminino.

Estudos (Wright, 1995; Flintoff; Scraton, 2006; Wright; Macdonald, 2010) relatam que algumas estudantes do sexo feminino se sentem constrangidas e desenvolvem pouco interesse em participar de atividades esportivas onde a predominância é de meninos.

Sousa e Altmann (1999, p. 57-58), apontam que singularmente no Brasil, a partir dos anos 30, ao se inserir o esporte como conteúdo do componente curricular Educação Física, o sexo feminino foi subjugado como um corpo frágil em relação ao sexo masculino, ao mesmo tempo em que era enaltecido nas danças e nas artes.

O corpo da mulher estava, pois, dotado de docilidade e sentimento, qualidades negadas ao homem pela “natureza”. Aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos; às mulheres, a suavidade de movimentos e a distância de outros corpos, garantidas pela ginástica rítmica e pelo voleibol. O homem que praticasse esses esportes correria o risco de ser visto pela sociedade como efeminado. O futebol, esporte violento, tornaria o homem viril e, se fosse praticado pela mulher, poderia masculinizá-la, além da possibilidade de lhe provocar lesões, especialmente nos órgãos reprodutores (SOUSA e ALTMANN, 1999, p.57-58).

A acentuação das diferenças físicas e habilidades entre meninos e meninas, especialmente na adolescência, têm tradicionalmente formado a base sobre a qual os programas de Educação Física Escolar são construídos.

De acordo com Wielecrosseles (2016, p.10), todas as práticas demarcadas como “só de menina” ou “só de menino” é fruto de uma construção sócio-histórica ao longo do tempo nutrida nos meios sociais, que caminha na contramão dos objetivos da escola, delimitando vivências e experiências, cerceando, depreciando e agrilhoando os indivíduos envolvidos no processo.

Para o autor, esta construção social, pode ser desconstruída, desnaturalizadas no âmbito das aulas de Educação Física escolar através dos conceitos que os docentes possuem em relação a questões de gênero desconstruindo as diferenças hierárquicas edificadas socialmente.

Corsino e Auad (2012) apontam que o professor deve se debruçar com um olhar mais profundo a respeito de como estruturar os estudantes de ambos os sexos nas aulas de Educação Física, uma vez que a disposição de turmas mistas, tão somente, não assegura a cessação das hierarquizações.

Altmann, Ayoub e Amaral (2011) a respeito de levar em consideração as questões de gênero no planejamento das aulas de Educação Física, relatam que muitos docentes apontam para uma dificuldade em se trabalhar com turmas mistas, especialmente em decorrência da resistência dos próprios alunos e alunas e dos conflitos instaurados nesta prática. Conflitos estes, como já ditos anteriormente, frutos de uma construção sócio-histórico, cultural.

Segundo as autoras, é de grande relevância a adoção de práticas pedagógicas que contemplem boa parte de conteúdos nas aulas, abarcando diversas modalidades, a fim de pro-



porcionar aos estudantes do sexo feminino e masculino, o alargamento do leque de interesses e acervo de conhecimentos, inclusive no campo corporal, além da construção de habilidades.

Muitos estudos (Gilroy, 1989; Whitson, 1994; Mcdermott, 1996; 2000; Garret, 2004; Hills, 2007; Altmann, 2015; Schimanski, 2019) apontam para a questão do empoderamento que os esportes e as atividades físicas podem desenvolver nas meninas e mulheres em fase adulta.

O espaço escolar é local de excelência para problematizar as questões de desigualdade de gênero, e oferecer outros parâmetros, outros modelos de relação. Discussões e ações no âmbito escolar sobre a discriminação baseada no gênero e empoderamento das meninas contribuem para uma compreensão que o gênero não pode ser um fator limitante em suas vidas.

Portanto, devem ser consideradas já desde o planejamentos de aulas da Educação Física escolar, as relações de estereótipos e desigualdades de gênero, ações como esta evidenciam a relevância do papel do professor de dispor aos estudantes de ambos os sexos os conteúdos de cultura corporal de movimento, valorizando a diversificação e a maneira de abordagem destes conteúdos como um instrumento de resistência a fim de diminuir as desigualdades e reforçar o respeito às diferenças de gênero (ALTMANN, AYOUB e AMARAL; 2011).

Neste sentido, faz-se necessário ponderar como mobilizar os saberes docentes no âmbito da componente curricular Educação Física a fim de promover estratégias didáticas com o objetivo de contemplar discussões entre os estudantes de ambos os sexos sobre questões de gêneros no intento de desestruturar as diferenças hierarquizadas entre meninos e meninas no ambiente escolar.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o papel do professor de Educação Física Escolar na promoção de estratégias didáticas sensíveis às relações de gênero através de suas práticas de ensino.

## METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi de natureza descritiva qualitativa, resultante de atividades didáticas desenvolvidas e no planejamento de aulas da unidade temática intitulada “**Desconstruindo estereótipos e gênero nas práticas esportivas em ambiente escolar**” aplicadas em 4 turmas do Ensino Médio no âmbito do componente curricular Educação Física de uma escola estadual localizada no subúrbio de Salvador. O público-alvo foram 164 estudantes do ensino médio na faixa etária de 14 a 19 anos.

Na elaboração da sequência didática, foram usados resultados de entrevistas semiestruturadas realizadas com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio da própria escola onde foi realizada posteriormente a intervenção, ainda no âmbito do desenvolvimento da dissertação de mestrado da primeira autora, intitulada “Imagem corporal de adolescentes escolares quilombolas com sobrepeso e obesidade”, cujo objetivo foi analisar a percepção da imagem corporal dos adolescentes escolares quilombolas com sobrepeso e obesidade.

A coleta de dados teve como base observações anotadas no diário de bordo da professora onde foram sendo registradas as suas reflexões sobre a sua ação pedagógica. O diário de bordo tem sido largamente empregado como mecanismo de análise da reflexão de professores

sobre a sua prática pedagógica. Para Zabalza (1994), estes instrumentos podem explicitar os dilemas dos professores ao longo do seu processo pedagógico.

A fim de garantir a privacidade dos sujeitos, a referência a cada um dos estudantes será pelos seguintes códigos: A1 para aluno 1; A2 para aluno 2; A3 para aluno 3; A4 para aluno 4 e A5 para aluno 5.

Os dados foram analisados à luz da análise de conteúdo de Bardin (2011). Segundo a autora, a análise de conteúdo designa-se como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48).

O desenrolamento das atividades pedagógicas foi mediado pela professora de EF, primeira autora deste trabalho, através de algumas estratégias didáticas que tinham como objetivo geral desconstruir estereótipos e desigualdades entre os gêneros no âmbito do universo esportivo no ambiente escolar.

As atividades pedagógicas foram elaboradas pelas autoras do presente trabalho e delineadas de maneira que nas aulas teóricas expositivas dialógicas, fossem discutidos os conteúdos da cultura corporal sempre em diálogo com as questões de estereótipos e gênero nas práticas esportivas.

Foi ministrado o total de 05 aulas de 50 minutos (tabela I). Os recursos didáticos utilizados nas discussões foram: data show, apostilas e aparelho de som.

Para realizar algumas das atividades que compõem a cultura corporal, a saber: jogos, brincadeiras, ginásticas, danças, lutas, capoeira e esportes. Foram utilizados como recursos didáticos: elásticos, arcos, fitas, cordas, bolas, garrafas pet, tintas e tatames.

Ao estruturar a sequência didática elegemos apenas a Ginástica e suas expressões e esportes de aventura como o Paintball e Slack Lane, por apresentarem movimentos diversificados, nível de execução de moderado e por ser pouco tratados em ambiente escolar, em especial, nas escolas públicas.

As atividades foram realizadas da seguinte maneira:

- 1- Exposição dialogada na sala de multimídia, com auxílio de vídeos, contemplando a contextualização histórica e social, através dos fundamentos básicos da cultura corporal a ser trabalhada;
- 2- No segundo momento os alunos foram orientados a realizar cada fundamento apresentado no vídeo de forma coletiva.

## 1ª AULA

Na 1ª aula foi trabalhado o contexto histórico e origem da ginástica e suas expressões relacionada com a questão de gênero e a participação de meninos e meninas. No momento seguinte os alunos foram convidados a assistir um vídeo dos movimentos básicos da ginástica. No momento da materialização (prática na sala de cultura corporal), os alunos foram orientados a realizar alongamentos de membros superiores e inferiores em pé, agachados e no solo. Em

seguida realizaram os fundamentos básicos com um colega, menino ou menina, escolhido por eles para realizar os movimentos como: rolar para frente, para trás, para os lados, depois realizaram saltos (tesoura, grupados e carpado), giros inteiros e meio giro, embalaram os corpos com variações de direção além de subir (trepar) em uma base e utilizaram arcos, bolas ou fitas.

Por último foi elaborada uma sequência coreográfica como produto de assimilação e aproximação com o trato da ginástica e suas expressões envolvendo os meninos e meninas.

**Tabela 1 – Atividades desenvolvidas na unidade temática: Desconstruir estereótipos e promover a inserção igualitária.**

<b>Aula</b>	<b>Tema esportivo</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Metodologia</b>
Aula - 1	Ginásticas e suas expressões em ambiente escolar.	Promover a inserção igualitária de meninas e meninos a partir da questão de gênero no espaço escolar.	Contextualização de gênero e aspectos histórico e social da ginástica através dos fundamentos básicos (saltar, balançar, correr, girar, embalar, rolar e trepar utilizando arcos, bolas e fitas).
Aula - 2	Esportes de aventura para meninas e meninos.	Utilizar os esportes como veículo potencializador na questão de gênero.	Contextualização do sentido e prática de inclusão, equidade de gêneros na prática dos esportes de aventura: (Correr, saltar, mirar, rolar com bolas).
Aula - 3	Paintball combatendo o preconceito.	Direcionar os alunos para uma reflexão sobre a igualdade de gênero nos esportes.	Contextualização social da integração, disciplina e cooperação de meninos e meninas na sua prática (mirar, acertar o alvo e combater). Construção de escudo protetor com papelão, bolinhas de tinta guache e arma lançadora feita de garrafa pet.
Aula - 4	Slackline equilíbrio na prática e no cotidiano escolar.	Promover a reflexão dos alunos para a desconstrução dos mitos e estereótipos na prática esportiva.	Contextualizar os fundamentos básicos do Slackline: (equilibrar, caminhar e saltar) através do uso de elásticos próprios para a modalidade.
Aula - 5	Roda de conversa das atividades com menino e meninas.	Discutir as experiências em participar das atividades de ginástica e esportes de aventura juntos meninas e meninos.	Resgatar as experiências vivenciadas na ginástica e nos esportes compartilhando o mesmo espaço menino e menino por meio dos fundamentos dos esportes tratados como: rolar, girar, saltar, balançar, embalar, trepar, mirar, acertar alvo, equilibrar, caminhar.

**Fonte: Elaborada pelas autoras**

## 2ª AULA

Na 2ª aula foram trabalhados os esportes de aventura onde foi projetado um filme a respeito da capacidade, habilidade e superação de homens e mulheres em diversos esportes, apontando que meninos e meninas podem apresentar espíritos aventureiros, ou sensação de medo, combate e superação de maneira igual. Os estudantes foram incentivados a correr, depois acertar alvos distribuídos em diversos lugares da quadra como forma de circuito em equipe formada por meninos e meninas.

## 3ª AULA

A 3ª aula tratou dos fundamentos específicos do Paintball, um esporte de aventura coletivo de combate. Foi solicitado que os alunos construíssem um colete utilizando papelão para sua proteção no momento que o colega tentasse acertá-los com bolinhas de tinta guache e uma

garrafa pet cortada próximo da sua extremidade para ser utilizada como jato de bola de tinta. Tratamos de dividir as equipes envolvendo meninos e meninas e iniciamos com a proposta de traçar metas para que pudessem acertar o maior número de alvos possíveis.

## 4ª AULA

Na 4ª aula foi trabalhada a especificidade do esporte de aventura Slackline, a partir de um dos seus mais importantes fundamentos que é o equilíbrio. Os colegas eram os responsáveis em segura as mãos do outro colega para que ele atravessasse à linha elástica de uma extremidade a outra.

## 5ª AULA

A 5ª aula realizada como desfecho da sequência didática, foi realizada uma roda de conversa em que todos os alunos tinham em torno de 5 minutos para expor os seguintes questionamentos:

1. Quais as suas experiências em cada prática esportiva desenvolvida em sala juntamente com as meninas e meninos?
2. Como os meninos avaliam a participação das meninas e as meninas avaliam os meninos nas diversas práticas apresentadas?
3. Qual a sensação em vivenciar prática de esportes pouco tratados nas escolas públicas?
4. Ainda pensam a ideia de que as meninas não são fortes suficientes e não possuem habilidade para práticas de esportes rotulados como esporte de menino?

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O corpus de análise foram as observações relatadas no diário de bordo da professora que ministrou as aulas, com a compilação de todas as anotações realizadas durante a execução da sequência pedagógica.

A análise do diário de bordo demonstrou que as concepções dos alunos sobre gênero se apresentam de forma reducionista onde se atentam apenas para os aspectos físicos. A educação física deve tratar na escola a questão de gênero para além do biológico, priorizando os aspectos históricos e sociais. Os alunos e alunas por sua vez, já naturalizaram as atitudes de desigualdade de gênero:

Aluno (1) “Em minha opinião as atividades da ginastica é de meninas e os esportes são de meninos”.

Aluno (2) “As meninas não sabem jogar”.

Aluno (3) “Meninas que praticam esportes de meninos são moleques machos”.

Aluna (4) “Não gosto de brincar junto com os meninos, pois eles são mais fortes”.

Aluna (5) “Os meninos não passam a bola para as meninas”.

Ainda que tratada a partir da sua historicidade e origem, na modalidade ginástica, os meninos ao participar somente queria formar pares com os meninos, formando pares com as meninas somente quando não houvesse mais meninos para compor a dupla.

A esse respeito, Kunz (1993) apontou que a Educação Física escolar constitui um campo por excelência onde as diferenças de gênero são bastante evidenciadas, fruto da construção histórica cultural dos estereótipos sexuais.

Altmann (1998) explicita que o esporte amplia os espaços dos alunos os meninos em detrimento das meninas, principalmente pela sua vinculação a masculinidade, força e virilidade. Cabe ao professor, ao estruturar o desenvolvimento das atividades, buscar elementos para desconstruir estes estereótipos.

No momento da experimentação do elemento saltar, elementos básico da ginástica, os meninos apresentaram-se de forma mais confortável e participativa. Este comportamento pode ser devido a este fundamento ter uma relação com a prática de jogos e esportes vivenciados por eles cotidianamente, tais como o futebol.

Para cada elemento da cultura corporal abordado em sala os alunos eram orientados a apresentar uma sequência de exercícios como forma de trabalho final. Apesar de todo a discussão realizada acerca da questão de igualdade de gêneros, alguns meninos e meninas mostravam-se ainda resistentes em participar da avaliação.

Na roda de conversa realizada como aula de encerramento da unidade, conseguimos abrir um espaço de discussão acerca das vivências e experiências adquirida por eles durante as aulas discursivas e materializada nos esportes.

O aluno (A1), revelou ter sido uma experiência diferente ter participado das sequências básicas da ginástica, pois nem ele mesmo tinha noção das habilidades que podia desenvolver. Achava que só as meninas sabiam girar e rolar.

- “Eu achava não ser capaz de fazer esses movimentos. Eu só via as meninas fazerem”

A aluna (A4) revelou que tinha medo de participar com os meninos pelo fato deles não demonstrarem cuidado com as meninas. Mas, ressaltou que gostou das práticas dos elementos que compõem a cultura corporal.

- “Gosto muito destas atividades, mas tenho medo de jogar bola com os meninos e me machucar”.

Percebemos que alguns meninos e meninas no final das aulas e na discussão apresentavam comportamentos diferentes dos anteriores. Mostraram-se mais entusiasmados e receptivos em compartilhar das diversas atividades juntos.

Tais dados estão de acordo com Oliveira, Macedo e Silva (2014) que destacam a necessidade do professor de Educação Física contemplar no seu planejamento, metodologias que engajem igualmente meninos e meninas no trato da cultura corporal, respeitando as diferenças de gênero, fazendo com que participem coletivamente e com prazer, das diversas modalidades trabalhadas na Educação Física escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar as relações de gênero que se estabelecem nas práticas educativas e esportivas na esfera da vida cotidiana de educandos, revelou a importância de discutir as questões de gênero nas aulas, para que dessa forma fosse possível, ainda que parcialmente, desconstruir as atitudes de divisão nas práticas corporais envolvendo menino e menina.

Concordamos com Goellner, Figueira e Jaege (2008), da primordialidade da Educação Física de desenvolver seus métodos de intervenções de forma a problematizar as diferentes representações de corpo, gênero, sexualidade, raça, etnia, estética e saúde que circulam dentro e fora da escola.

Abrir um espaço de discussão acerca das vivências e experiências adquiridas pelos estudantes na materialização das modalidades esportivas foi de extrema relevância. A possibilidade de desenvolver reflexões sobre as questões de gênero no esporte foi um ponto de grande marco no processo de conhecimento da práxis pedagógica, as discussões empreenderam aspectos tanto relacionados ao cotidiano dos alunos quanto ao trato pedagógico no contexto escolar evidenciando que a escolha de metodologias adequadas, possui um grande potencial para desconstruir estereótipos e desigualdades entre os gêneros no âmbito do universo esportivo no ambiente escolar.

Consideramos relevante o papel social dos professores em geral, especialmente os de Educação Física através do trato da cultura corporal, no sentido de construir, o conhecimento dos alunos com base no respeito e reflexão de igualdade, para que as falas e atitudes não se perpetuem e ultrapassem os muros das escolas.

## AGRADECIMENTOS

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo incentivo ao desenvolvimento deste trabalho através de uma bolsa de estudo.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física. 1998. 111f. Dissertação (mestrado em educação) -UFMG, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. Educação física escolar: relações de gênero em jogo. Cortez Editora, 2015.

\_\_\_\_\_; AYOUB, E; AMARAL, S.C.F. "Gênero na prática docente em educação física:" "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar". Estudos feministas, p. 491-501, 2011.

ABREU, M. C. P., WANDEKOKEN, W. M. Amarelinha Versus Futebol, Por que não Ambas? Um Estudo das Relações de Gênero no Projeto Esporte e Lazer da Cidade de Castanhal. 2005. Monografia (graduação de Licenciatura em Educação Física) - UFPA, PARÁ.

BARDIN, L. Análise de conteúdo (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977), 2006.

- BIVE, M.; PESSULA, P. A. Percepções sobre as relações de gênero em escolas de Moçambique: discurso e prática. *MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana*, v. 2, n. 3, p. 201-209, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: proposta preliminar. 2. ed. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio> Acesso em: outubro de 2021
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- CORSINO, L.N.; AUAD, D. O professor diante das relações de gênero na Educação Física Escolar. São Paulo: Cortez, 2012.
- FLINTOFF, A.; SCRATON, S. Girls and physical education. In D. Kirk, D. Macdonald & M. O'Sullivan (Eds.), *The handbook of physical education*, (pp. 767-783). London: SAGE, 2006.
- HILLS L. Friendship, physicality, and physical education: an exploration of the social and embodied dynamics of girls' physical education experiences. *Sport, Education and Society* 2007;12(3):335-54.
- GARRET R. Negotiating a physical identity: girls, boys and physical education. *Sport, Education, and Society* 2004;9(2): 223-37.
- GOELLNER, S. V; FIGUEIRA, M. L. M.; JAEGER, A. A. A educação dos corpos, das sexualidades e dos gêneros no espaço da Educação Física Escolar.: In RIBEIRO, Paula R. C. *et al.* (Orgs.). *Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2008.
- GÓMEZ, C. B. A.; CAMACHO, N. R.; HERRERO, F. R. Gender stereotypes in physical education. *Education, Sport, Health and Physical Activity (ESHPA): International Journal*, v. 5, n. 1, p. 27-40, 2021.
- GILROY S. The embodiment of power: gender and physical activity. *Leisure Studies* 1989;8(2):163-72.
- KUNZ, M.C.S. Quando a diferença é mito: Uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física. 1993, 167pp. Dissertação (mestrado em educação) - UFSC, Florianópolis.
- MCDERMOTT L. Toward a feminist understanding of physicality within the context of women's physically active and sporting lives. *Sociology of Sport Journal* 1996;13:12-30.
- MCDERMOTT L. A qualitative assessment of the significance of body perception to women's physical activity experiences: revisiting discussions of physicalities. *Sociology of Sport Journal* 2000; 17:331-63.
- MOVIMENTO PELA BASE. Educação Física na BNCC, 2018. Disponível em: [https://movimentopelabase.org.br/wpcontent/uploads/2019/06/2018\\_12\\_keyshift\\_Educac%CC%A7a%CC%83o-Fi%CC%81sica-na-BNCC\\_v01.pdf](https://movimentopelabase.org.br/wpcontent/uploads/2019/06/2018_12_keyshift_Educac%CC%A7a%CC%83o-Fi%CC%81sica-na-BNCC_v01.pdf) . Acesso em outubro de 2021.
- LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- OLIVEIRA, F; MACEDO, R.; SILVA, A. Fatores associados a participação das alunas nas aulas de educação física: uma questão de gênero?. *ACTA Brasileira do Movimento Humano*, v. 4, n. 5, 2017.



SANTOS, P. A. C; SOUZA, A. S. Educação Física escolar: contribuição para a superação do preconceito de gênero no esporte. Simpósio internacional de educação sexual: feminismos, identidades de gênero e políticas públicas, v. 4, 2015. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/672.pdf> Acesso em outubro de 2021.

SCHIMANSKI, E. Gênero, futebol e esportes: a sororidade como componente necessário para o empoderamento feminino. Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas, v. 27, n. 1, p. 59-66, 2019.

SOARES, C. L. C. L. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUSA, E.S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cadernos CEDEM: Corpo e Educação, n.48, p.52-68, 1999.

UNESCO. Carta Internacional da Educação Física, da Atividade Física e do Esporte. Unidade de Publicações da Representação da UNESCO no Brasil. Brasília, 2018. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000235409\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000235409_por) . Acesso em outubro de 2021.

WIELECOSSELES, L.M. Questões de gênero na educação física escolar: educação física um espaço de relações. 2016. Monografia (especialização educação- EAD) UFSC, Santa Catarina.

WHITSON D. The embodiment of Gender: Discipline, Domination, and Empowerment. In: Birrell S, Cole C. (Ed.). Women, sport and culture. Champaign: Human Kinetics, 1994. p. 353-372.

WRIGHT, J. A feminist post-structural methodology for the study of gender construction in physical education: Description of a study. Journal of Teaching in Physical Education, 15(1), pp.1-24, 1995.

WRIGHT, J.; MACDONALD, D. (Eds.). Young people, physical activity and the everyday. London: Routledge, 2010.

ZABALZA, Miguel A. Diários de aula. Porto: Porto Editora, 1994.



